



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ELISABETE PEREIRA DE SOUZA

**HISTÓRIAS DE UM ESPAÇO ESTIGMATIZADO:
O BAIRRO DO PEDREGAL (CAMPINA GRANDE-PB)**

CAMPINA GRANDE-PB,
2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ELISABETE PEREIRA DE SOUZA

**HISTÓRIAS DE UM ESPAÇO ESTIGMATIZADO:
O BAIRRO DO PEDREGAL (CAMPINA GRANDE-PB)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao
Curso de História como requisito para obtenção do grau
de licenciada em História.

Orientador: Dr. José Adilson Filho

CAMPINA GRANDE-PB,
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729h Souza, Elisabete Pereira de.
Histórias de um espaço estigmatizado [manuscrito] : o bairro do Pedregal (Campina Grande) / Elisabete Pereira de Souza. - 2019.
33 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Jose Adilson Filho, Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Comunidade urbana. 2. Estigmatização. 3. Preconceito de lugar. I. Título
21. ed. CDD 981.33

FOLHA DE APROVAÇÃO

HISTÓRIAS DE UM ESPAÇO ESTIGMATIZADO:
O BAIRRO DO PEDREGAL (CAMPINA GRANDE-PB)

ELISABETE PEREIRA DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao
Curso de História como requisito para obtenção do grau
de licenciada em História.

Aprovado em: 05/12/19

Com nota: 10,0

BANCA EXAMINADORA



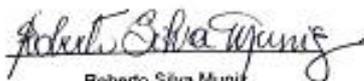
José Adilson Filho

Orientador



Matusália Alves de Oliveira

Examinador 1



Roberto Silva Muniz

Examinador 2

“Propriedades (objetivamente) simbólicas mesmo as mais negativas, podem ser utilizadas estrategicamente em função dos interesses materiais e também simbólicos do seu portador”

(Pierre Bourdieu)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais Marta Lice e Rinaldo Rodrigues por terem me dado a vida, me estimulando a sempre continuar estudando, eles que não tiveram o privilégio de estudar, aprenderam na escola da vida o quanto faz diferença na vida do ser humano o poder do saber legitimado.

Às minhas irmãs Juliana e Elizangela pela alegria do dia a dia e pelos os dez sobrinhos que alegram meus finais de semana, pela felicidade e o prazer de sua companhia.

À minha companheira e inspiração, minha filha mais velha, hoje com 20 anos, Debora Rayanne, agradeço pela motivação e paciência em me ensinar a usar computador, obrigada por todo companheirismo que me dedica.

À minha mais nova, Ester Valentina, de quatro anos que faz todos os meus problemas não significarem nada quando olho pra ela saudável.

Agradeço ao professor Adilson pela paciência que teve comigo levando em consideração os contratempos que tive durante a construção desse texto.

Agradeço também ao meu ex-professor Josemir Camilo que quando da minha entrada no curso foi um dos meus primeiros professores, desde sempre me incentivando a dar continuidade na minha pesquisa, um projeto que estava em mente desde que entrei na Licenciatura.

Agradeço aos meus vários amigos pelas indicações e empréstimos de livros ao jornal Diário da Borborema por ceder material de consulta. Enfim, à instituição por ter me dado a oportunidade de voltar e concluir meu curso depois de vários anos de tentativa. No momento o que sinto é gratidão pelas ajudas que tive nessa caminhada.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso objetiva problematizar discursos de estigmatização e preconceito construídos acerca do bairro do Pedregal, em Campina Grande-PB. Uma das maiores favelas do estado, sofre com a ausência de serviços públicos e com a histórica estereotipização dos que, de fora, tentam rotular aquele espaço como pautado em desordem, insegurança, o deixando longe da modernização, do qual fora vítima. Fizemos uso de materiais impressos e audiovisuais, como jornais, fotografias, vídeos e músicas na intenção de problematizar esses discursos legitimados não pelos sujeitos dessas experiências, mas pelos *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000). Por fim, esperamos contribuir com a história desse bairro esquecido pelos governantes e pela própria historiografia da área de um modo geral.

PALAVRAS-CHAVE: Pedregal; Estigmatização; Modernização; Preconceito de Lugar.

ABSTRACT

This course conclusion paper aims to problematize existing stigmatization and prejudice discourses regarding the neighborhood of Pedregal, in the city of Campina Grande in Paraíba state. Pedregal is one of the largest slums of Paraíba that suffers from the lack of public services, as well as from a historical stereotyping process of outsiders, who try to label that locality as ruled by disorder and insecurity, promoting its estrangement from the modernization it had been a victim of. For this research, printed and audiovisual material were used, such as newspapers, photographs, videos and music, in order to question these discourses legitimated not by those who live there, but by outsiders (ELIAS; SCOTSON, 2000). Finally, we hope to contribute to the history of this neighborhood that has been forgotten by the government, as well as for the historiography of the area, in general.

KEYWORDS: Pedregal; Stigmatization; Modernization; Local Prejudice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bairros de Campina Grande, com destaque para o Pedregal.....	12
Figuras 2 e 3 – O bairro	17
Figura 4 – <i>Diário da Borborema</i> , 21 de maio de 1980	19
Figura 5 e 6 – Burreata do Neco Cirne	24
Figura 7 – Jovens grafitando	26
Figura 8 e 9 – Ações do Projeto Social Muda Pedregal	27
Figuras 10 e 11 – Ações do Projeto Social Muda Pedregal	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. CONTEXTO E ORIGEM DO BAIRRO DO PEDREGAL.....	11
3. UM ESPAÇO MARGINALIZADO E ESQUECIDO PELOS GOVERNANTES	21
3.1. Estigmas e estereótipos	22
3.2. Outras vozes	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

Um país, uma cidade, um bairro podem ser analisados por diferentes pontos de vista, diferentes aspectos e temas. Sua localização espacial, por exemplo, pode justificar questões econômicas, processos de industrialização e projetos políticos, mesmo que um tema não exclua o outro. É praticamente impossível que um trabalho de graduação venha contemplar todos os temas de uma forma aprofundada. Assim, entendendo nossos limites, essa leitura e análise sobre o processo de urbanização e modernização deste local específico – o bairro do Pedregal (Campina Grande-PB) –, busca dar forma aos olhares sobre esse espaço, sabendo que o Pedregal teve origem com o processo de industrialização da cidade, verificando qual lugar foi reservado a este na história da cidade.

Na política de incentivo à industrialização do Nordeste pela SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), Campina Grande se destacou como a única cidade do interior do Brasil (não capital do estado), que se tornou sede de um órgão de liderança do processo de industrialização do país – a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP).

Entre os anos de 1973 a 1987, a cidade se beneficiou com instalações de novas indústrias, no entanto, o que se percebeu foi que o desenvolvimento industrial não foi suficiente para resolver os problemas da sociedade, como o desemprego, uma vez que a cidade se tornou polo de atração de levas de pessoas que vindas da zona rural viam na cidade com suas indústrias uma oportunidade, uma expectativa de vida melhor. Esse período coincidiu com a primeira invasão do terreno do Pedregal, o que se deu entre os governos de Evaldo Cruz e Enivaldo Ribeiro.

Proveniente de várias invasões na década de 1980, o bairro do Pedregal foi se tornando um território de confronto dentro da cidade de Campina Grande, em que o descaso dos governantes com o espaço do Pedregal originou e alimentou o preconceito sofrido por este dentro do espaço da cidade. Assim, esta pesquisa tem como objetivo *identificar os discursos produzidos sobre o bairro do Pedregal e como estes discursos interferem direta e indiretamente, na vida das que ali residem, partindo da perspectiva de apropriação e negação de estereótipos, porém, sem ser negligente com as práticas cotidianas complexas e paradoxais vividas neste espaço.*

O Pedregal é uma das maiores favelas de Campina Grande. O bairro apresenta um alto índice de violência, além do analfabetismo e renda familiar de até um salário mínimo, segundo levantamento do censo 2015 do IBGE¹.

É pertinente uma análise historiográfica e sociológica sobre como a vida dos seus moradores foram e são vistos pelo resto da cidade. Uma vez que o espaço não recebeu a atenção devida das partes governantes, isso o torna ainda mais marginalizado e estigmatizado com relação aos bairros circunvizinhos como Bodocongó, Conjunto dos Professores e Centenário.

Partindo da problemática da ocorrência da urbanização no bairro nos últimos 40 anos, houve alguma mudança no âmbito social? Como os moradores perceberam as mudanças de cunho estrutural e como em geral se comportaram depois da urbanização? Houve mudança nas práticas cotidianas? Se existe um preconceito real para com bairro de que forma ele é representado? São essas perguntas norteadoras que nortearam esse trabalho.

Segundo José D Assunção Barros (2008), a dimensão historiográfica mais sujeita à oscilação é a da história social. Porém, os que se definem historiadores sociais, estudam, principalmente, as formas de sociabilidade. Partindo desta perspectiva, esta pesquisa configura-se como um subconjunto específico da história social, pois objetiva analisar as formas de sociabilidade, discursos e/ou conflitos que outros bairros desenvolvem com o bairro do Pedregal, partindo do pressuposto da sociabilidade. Pretende-se também analisar um fenômeno transversal na sociedade: o preconceito, mais especificamente o preconceito de lugar.

Dentre algumas justificativas deste trabalho, a mais importante é o fato do bairro ser um tema pouco abordado como objeto de pesquisa histórica. Temos como objetivo contribuir para construção da história do bairro e servir de estímulo para outros estudos e pesquisas. Outra justificativa, dessa vez mais subjetiva, é a de que como moradora do bairro, me sinto diretamente afetada com o preconceito de lugar, tendo passado por alguns momentos constrangedores. Frases como: “se entrar no bairro, entra vestido e sai pelado”, olhares hostis, gestos implícitos como olhar do pé a cabeça ou ser barrada na locadora do bairro vizinho, deixam claro que existe um preconceito real e explícito para com seus moradores.

¹ Cf.: <http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/139-mil-pessoas-vivem-em-um-total-de-90-comunidades-na-pb.html>. Acesso em: 25 nov. 2019.

Realizamos um mapeamento de reportagens, vídeos, matérias e fotos em sites e portais em busca de informações a respeito de fontes e discursos legitimadores do preconceito de lugar que envolve o bairro.

Buscamos trazer uma discussão acerca do processo de organização do espaço da cidade de Campina Grande, problematizando a legitimação de um discurso de exclusão acerca do bairro do Pedregal, apontando as vivências e sociabilidades desse que é um espaço outro pois feito no cotidiano pelos sujeitos, além disso, intentamos problematizar os impactos da modernização na vida social da comunidade do bairro.

Pierre Bourdieu (2001) admite existir estruturas socialmente construídas, que não se revelam de maneira imediata. Essas estruturas ao mesmo tempo em que coagem, são introjetadas, incorporadas pelos seus criadores e legitimadas como verdade, como natural.

Para o autor, as estruturas exercem um poder sobre os indivíduos, que ele diz ser invisíveis aos símbolos, instrumentos construídos pela e para a classe dominante, logo atendendo a interesses particulares. Porém, com o mito de produto da coletividade, veículo de representação e legitimação de poderes, neste palco são introjetados hinos, bandeiras, datas comemorativas, emblemas e sinais, mitos e mitologias, que se tornam referências, são apropriados e criam o sentimento de pertencimento. Sobre a definição de espaços estruturais e discursos que os constroem, Bourdieu afirma que existe uma luta entre os discursos, objetivando legitimar uma versão sobre a outra, uma verdade sobre a outra.

Refletindo sobre o espaço do Pedregal e os discursos produzidos sobre ele, percebemos que as diferentes apropriações e representações que os sujeitos desenvolvem na prática refletem em armas de lutas simbólicas subjetivas, pré-conceitos, ideologias e na luta pelo direito de apropriar-se ou não e de se fazer conhecer uma luta individual e coletiva que os sujeitos travam com os limites da representação que o poder central determina, ou seja, a luta pela subversão das relações de força simbólicas. Nesse sentido, “a representação transforma-se em máquina de respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso da força bruta” (CHARTIER, 1991, p. 187).

Roger Chartier (1991) diz que a relação de representação é entendida como a relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, o que nos fez pensar sobre a representação do espaço do Pedregal nas páginas policiais de alguns jornais da

cidade e na mídia televisiva, uma vez o bairro só aparece nos registros quando ocorrem crimes. O bairro é sempre representado pela violência e pelas imagens de criminosos nas páginas policiais, parecendo que nada mais acontece no local. Essa representação certamente não beneficia os seus moradores uma vez que é impossível explicar um espaço com suas diversidades, particularidades, práticas cotidianas e interesses subjetivos diversos, apenas em páginas policiais.

Tomando como pressuposto de que toda pesquisa histórica deve partir de uma inquietação, essa pesquisa busca não só uma construção de uma produção histórica plausível que contribua para a história do bairro, mas também tentar responder as minhas inquietações enquanto moradora do lugar. Desse modo, para tentar entender o surgimento e desenvolvimento deste espaço, essa pesquisa é a princípio bibliográfica, uma vez que tenta analisar o processo de industrialização da cidade de Campina Grande, que levou ao fluxo migratório das décadas de 70 e 80 e às invasões dos terrenos circundantes, formando os bairros periféricos, popularmente conhecidos como favelas. Para entender como se deu essa formação, buscamos no jornal *Diário da Borborema* das décadas de 70 e 80, informações sobre a importância que foi dada a esse processo pela mídia local e como esta representa esse espaço e seus “invasores” em suas páginas. Também encontramos no blog *Retalhos Históricos de Campina Grande*, matéria do jornal *O Globo*, de 30 de maio de 1980, útil à nossa investida. Assim, fizemos uso de fontes escritas e visuais.

No segundo momento do texto pensaremos o bairro do Pedregal como um espaço marginalizado e esquecido pelos governantes, problematizando os estigmas, estereótipos e imagens construídas acerca do bairro e os discursos dos seus moradores. Analisaremos um rap de MC Rimaël, rapper local, que traz o Pedregal, sua sociabilidade e cotidiano como foco de suas músicas, bem como falas de integrantes do projeto social Muda Pedregal. Visamos ressaltar a diversidade de um espaço esquecido pelo poder público, destacando a necessidade de implantação de políticas públicas para a juventude e a comunidade como um todo, no intuito de superar os desafios de um sistema que exclui e estigmatiza.

2. CONTEXTO E ORIGEM DO BAIRRO DO PEDREGAL

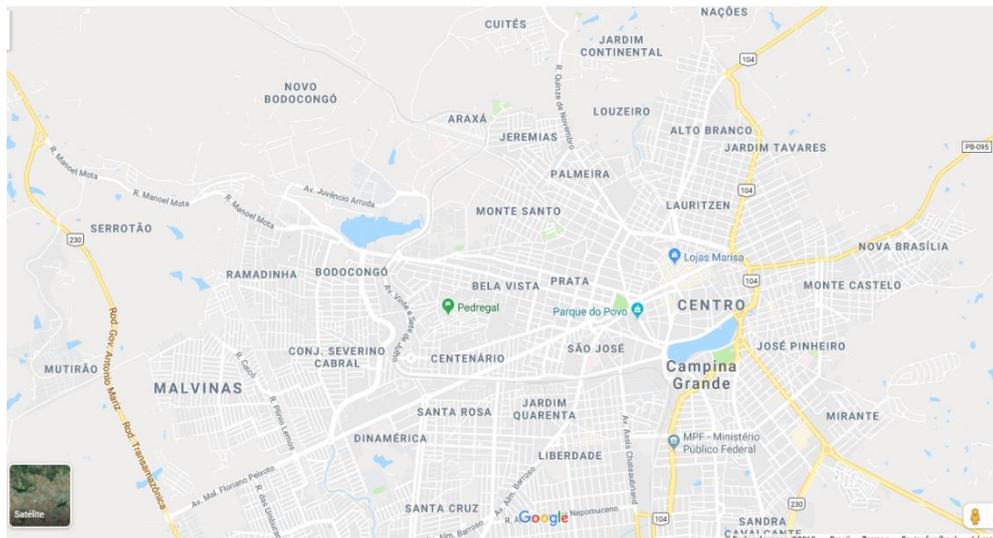
O Pedregal é um bairro periférico localizado na zona oeste da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Atualmente é delimitado oficialmente como um bairro, porém, a sua origem é uma ocupação irregular que se deu ao longo do tempo e de forma individual. As suas condições em termos de infraestrutura e de edificações não se apresentam de forma homogênea, havendo espaços onde foram instalados grande parte dos equipamentos urbanos e outros completamente desprovidos de qualquer um destes. O bairro é dividido em Pedregal I, II, III e IV – zoneamento não homogêneo entre si – e caracterizado pela existência de microempresas calçadistas e mercadinhos. Contendo também 02 creches municipais, 03 escolas municipais e escola estadual².

A divisão do bairro em 04 bairros nos possibilita enxergar que quanto mais o número que nomeia o setor cresce, mais a zona se constitui como pobre. Basta pensar que o Pedregal I é a parte do bairro mais desenvolvida, talvez por ser próxima a bairros mais elitizados como o Conjunto dos Professores, e que o Pedregal IV é a parte mais carente, mais desprovida da assistência do Estado, se reproduzindo ali os estigmas e hierarquias no plano interno.

No mapa abaixo podemos visualizar a localização do bairro, que faz divisa ao Norte com o bairro Universitário, ao Sul com o Centenário, a leste com o Bela Vista e a oeste com o Bodocongó.

² Cf.: História do bairro. Disponível em: <<http://comunidadedopedregal.weebly.com/historia-do-bairro.html>>. Acesso em: 24 set. 2019.

Figura 1 – Bairros de Campina Grande, com destaque para o Pedregal



Fonte: Google Maps. Acesso em: 24 set. 2019.

Campina Grande localiza-se na Mesorregião da Borborema e surgiu a partir da comercialização de produtos na famosa feira que hoje é patrimônio imaterial do Brasil. Apresentou um modelo de modernização não homogêneo que se organizou a partir da chegada dos chamados *signos da modernidade*.

Pensando a *cidade moderna* enquanto conceito, Gervácio Aranha (2005) destaca que cidades como Londres e Paris do século XIX, eram tomadas enquanto estando ligados a uma força avassaladora, frenética, instantânea, semelhante a um inferno na Terra. Gervácio Aranha diz justamente que pensar as cidades brasileiras por esse viés é cometer um erro grave. A única cidade que poderia ser pensada por tal sistematização era o Rio de Janeiro e mesmo assim com duras ressalvas.

Sob olhares relativizados, os habitantes de cidades como Recife, apresentavam suas cidades com ares de grandeza, o que se explica segundo Gervácio Aranha (2005):

Trata-se de considerar que a ideia de modernidade, no espaço regional em apreço, se configura menos por cenários urbanos marcados pela agitação frenética no cotidiano das ruas com seu *rush* característico, e mais por uma outra novidade vinda do estrangeiro, a exemplo das que remetem à ideia de conforto e/ou rapidez e que passam ao imaginário como signos modernos por excelência (ARANHA, 2005, p. 87) (grifo do autor).

Desse modo, apresentar uma das marcas do moderno era ser civilizado! O moderno se definiria justamente pela presença desse signo. Foi assim que a chegada

do *trem* em cidades como Campina Grande, as fez sentirem-se modernas. Sendo meio de divulgação da imprensa impressa, se configurava enquanto um canal de portas abertas para o mundo que moldou espaços de sociabilidade como as estações, pontos de fluxo e refluxo de interesses econômicos, políticos ou mesmo afetivos. Segundo o autor, mais do que possibilitar sociabilidades, o trem atrelou a si a responsabilidade pela ágil e ampla circulação de ideias por meio da imprensa. Nesse ínterim, é destacada a figura do *estafeta*, espécie de entregador de encomendas. Esperado com ansiedade, a “Maria Fumaça” provocou assim, impactos no cotidiano das pessoas e sua ausência se ligava a uma série de consequências negativas.

Ainda na mesma lógica de redefinição das noções de tempo e espaço, o telefone e o telégrafo também tiveram amplas repercussões sob vários âmbitos; alterando costumes e hábitos, atingindo a moral e os bons costumes e até tendo brutas reações dos coronéis perante os tais. Poderoso *ícone da modernidade*, o telefone com certeza agilizou também serviços médicos.

A *iluminação* passando pelo querosene e chegando à luz elétrica, apareceu com a necessidade de prolongar ritmos de atividade para além da hora do pôr do sol. Tal benesse *do moderno* fez surgir uma figura importante: a do *acendedor de lampiões*, sujeito que é lembrado por uma pessoa entrevistada pelo autor. Como os outros signos, a luz elétrica, a iluminação, esteve pautada na necessidade emergente de se ter conforto e praticidade, o que acabou por moldar ritmos na vida cotidiana, quebrando velhos hábitos e instaurando novos.

Ressaltamos, contudo, que desde seu início, tal projeto de modernização se mostrou limitado: a modernização serviu e serve aos de cima. Os de baixo, para citar E. P. Thompson, sofreram e sofrem as mazelas de tal investida “civilizatória”. Em termos espaciais, a modernização de Campina Grande alargou avenidas, abriu linhas férreas, trouxe luz ao centro da cidade – o que pouco se fala é que ela também expulsou pessoas para as margens, lugares “dos de baixo” quase que por excelência.

Tal processo de expulsão se somou à onda de industrialização que tomou conta do país principalmente a partir da década de 1940, tendo se alargado na Paraíba e em especial, em Campina Grande, nas décadas de 70 e 80, como mencionamos. Período este marcado pela presença dos militares no poder, em um regime que durou 21 anos (1964-1985).

Tais décadas foram marcados por uma forte reorganização do espaço urbano campinense, que se reestruturava após o fim do ciclo do algodão. De acordo com Oliveira (2007):

Em 1972 a Prefeitura de Campina Grande passa a se preocupar com o problema da reorganização do espaço urbano, onde através de estudos realizados por diversos especialistas de várias áreas de conhecimento, tais como: economistas, geógrafos, sociólogos, arquitetos, administradores, engenheiros e urbanistas, que procuraram apontar e corrigir o seu traçado projetando sua expansão, com objetivo de melhorar a qualidade de vida urbana e a sua funcionalidade. Em 1973, nasceu o PDLI (Plano de Desenvolvimento Local Integrado), que tinha como objetivo o melhoramento da qualidade de vida urbana e sua funcionalidade, que passou a orientar o planejamento urbano da cidade garantindo uma nova feição arquitetônica do espaço, além de objetivar o desenvolvimento do município e de sua região. Iniciou-se a expansão que não sofreu solução nos anos seguintes (OLIVEIRA, 2007, p. 28-29).

A década de 1980 foi marcada pela contestação desse processo de modernização por diferentes sujeitos: favelados, mulheres, sem-teto, que “por meios de Sindicatos e Associações, reivindicam seus direitos aos serviços e equipamentos básicos como iluminação pública, fornecimento d’água e energia elétrica, transporte coletivo, pavimentação, saneamento básico, posto de saúde, escolas, creches e outros serviços” (OLIVEIRA, 2007, p. 31).

Silva (2013) ressalta que tal década foi caracterizada pela formação de bairros a partir da luta pela moradia, tendo havido a expansão de bairros como Cachoeira, Malvinas e Pedregal. Estudando a formação e discursividade acerca da favela da Cachoeira diz:

Durante o correr dessas décadas, além dos espaços das elites, o espaço periférico de Campina se alterava. A Cachoeira dos primeiros ocupantes, que outrora tinha uma paisagem predominantemente natural, cujas alterações não passavam das poucas casas de taipa e de caminhos pelo mato abertos com foice, passou a ter algumas modificações. Elementos do moderno, e formas de organização necessárias para se viver na favela foram criadas pelos moradores com o auxílio da Igreja Católica e da Sociedade de Amigos de Bairro do bairro de José Pinheiro e com a intervenção de estagiários do curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba (SILVA, 2013, p. 56).

Supomos que o mesmo ocorreu na favela do Pedregal. Favela, termo que remete a uma planta, mas que é foi chamado pelo IBGE a partir de 2010 como aglomerados subnormais. Viu-se que o crescimento urbano “não tem trazido

benefícios para a população”, como falou o vereador Mário de Souza em matéria publicada pelo *O Globo* em 30 de maio de 1980, que continua:

A nossa posição geográfica faz atrair para Campina Grande as populações marginalizadas do meio rural. Diariamente chegam dezenas e mais dezenas de homens do campo para fixar residência em nossa cidade, o que significa dizer que em pouco tempo estaremos enfrentando os mesmos problemas dos grandes centros do País (*O Globo*, 30 mai. 1980).

Nesse sentido, as favelas de Campina Grande – e isso é uma característica dos centros urbanos que se desenvolveram no século XX – nasceram como refúgio dos que buscavam na cidade uma tangente de sobrevivência dentro do capitalismo que se tornava a dia mais citadino e que expulsava a população do campo. O Pedregal surgiu a partir do ano de 1975 e compartilha de muitas características desses espaços existentes no Brasil e em poucos outros países como a África do Sul.

Da fala do vereador percebe-se o medo de que Campina virasse um centro urbano com problemas próprios desse processo. “Em pouco tempo estaremos enfrentando os mesmos problemas dos grandes centros do País”, grandes centros lendo-se principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. Tal processo não ia de encontro às tentativas de modernização da cidade vistas em gestões municipais anteriores. Ruas largas, saneamento, estrutura, boas moradias... Parecia não ser este o cenário que nascia às margens.

De acordo com Adilson Filho (2011), os positivistas construíram a classe trabalhadora como uma classe perigosa. Preocupados com o futuro da ordem social burguesa, com “a ordem e o progresso”, transformaram a classe trabalhadora em uma ameaça à suposta ordem dada. Mas que ordem era essa nunca existente no Brasil? O Brasil, que teve uma colonização pautada na mão de obra escrava e na exploração, que violenta índios e negros até os dias de hoje? De fato, o horizonte dos positivistas levava em consideração tão somente a Europa, refúgio das boas novas e “dos avanços da civilização”.

Assim, os discursos acerca da urbanização também constroem lugares, perigo, medo, exclusão. A fala do vereador continua:

Os migrantes terminam se instalando na periferia da cidade, onde as condições sanitárias são precárias. Na favela do Pedregal, a maior de Campina Grande, formada a partir da invasão de lotes, em 1975, existem cerca de cinco mil pessoas, em 800 casebres. Lá não existe qualquer

infraestrutura (não há sequer escola, posto policial e posto médico) e 90 por cento dos moradores não exercem atividade profissional qualificada, trabalhando, mesmo as mulheres e crianças, na prestação de pequenos serviços nas redondezas, como lavagem de roupas, consertos em geral e empregos domésticos (*O Globo*, 30 mai. 1980).

A fala do vereador não problematiza a falta de oportunidades dessas pessoas em busca de melhores condições no sistema capitalista. É uma fala taxativa que elucida as condições e modo de vida dessa população, segundo ele, *ocupante*. Pessoas que vivem no sub-emprego e que são *indomadas*, como lê-se abaixo:

Como seus moradores não aceitam a transferência para outro local, o Governo municipal está pleiteando a implantação de um projeto – tanto em Pedregal como na favela da Cachoeira, em condições semelhantes – com o objetivo de dar melhores condições de vida às populações. O projeto seria elaborado com recursos do Governo Federal (*O Globo*, 30 mai. 1980).

Sobre a favela da Cachoeira, Hilmaria Xavier (2013) aponta que foram várias as tentativas de reforma urbana no espaço. Segundo a autora, em 1973 foi lançado o Plano de Desenvolvimento Local Integrado – o PDLI – que visava planificar e urbanizar a Cachoeira. “Ruas seriam abertas, o terreno seria planificado, áreas de lazer seriam construídas, e a promessa era de que a Cachoeira fosse totalmente reformada e urbanizada” (XAVIER, 2013, p. 51). O que não chegou a se concretizar e os moradores, carregavam estigmas difíceis de serem esquecidos da memória pública. Em 2006, a população da Cachoeira foi removida para o Loteamento Glória, ou o mais conhecido Bairro da Glória, resultado do esforço da luta por melhores condições de moradia. Destarte: “aquela favela podia ser considerada como um caldeirão de práticas culturais populares que se construía e se moldavam de acordo com as necessidades e os interesses de seus moradores” (XAVIER, 2013, p. 52). O Pedregal, contudo, até hoje se mantém, sendo um bairro fragmentado, sendo não só um, mas quatro.

De acordo com Souza (2013), até 1979 Campina Grande contava com três favelas de maior expressão: Cachoeira, Jeremias e Pedregal. Na década de 1980 esse número subiu para 17 favelas, como uma população total de mais de 30 mil habitantes. Nessas áreas, periféricas e circundantes à área de maior prestígio comercial, o centro da cidade, além das atividades comerciais, destaca a autora, também há forte presença de atividades ditas rurais: criação de animais, cultivo agrícola. Campina se modernizou, mas sem perder seus traços originais.

A maioria dessas pessoas vivia o cotidiano do campo na zona rural de Campina Grande e de outros municípios ou na área atual antes da malha urbana atingi-la, portanto, aprendeu a lidar com o gado e com a agricultura desde a infância, com os pais, e não conseguiram se adaptar ao mundo essencialmente urbano imposto pela sociedade moderna (SOUZA, 2013, p. 106).

Com base em Certeau (1994), a autora entende essas práticas como “maneiras de fazer” dessas pessoas que desejam manter um modo rural de vida na cidade. Ou talvez, acrescentamos, como uma estratégia de sobreviver fazendo aquilo que sabem fazer desde crianças, agora inseridos num espaço que os exclui. “Lutam [então] por sua sobrevivência na cidade, a partir de uma lógica contrária à empreendida nesse espaço” (SOUZA, 2013, p. 112). Nas imagens abaixo vemos fotos de ruas do bairro correspondentes à área mais urbanizada e próspera, lemos isso pela disposição das casas e fazendo uma releitura de Aranha (2005), de signos do moderno do contexto atual, como as antenas parabólicas sob os telhados. A esperança, contudo, não vem do mar nem das antenas de TV. Todo dia o sol vem e lhes desafia frente à estigmatização, que é pesada.

Figuras 2 e 3 – O bairro



Fonte: Blog Comunidade do Pedregal. Acesso em: 08 out. 2019.

De acordo com Jackeline Feitosa Carvalho (2011) e Wagner Geminiano dos Santos (2008), o discurso sobre a modernidade de Campina Grande serviu para se elaborar um desenho desejável da cidade. Ao longo da história, evocou-se a imagem

de Campina como “Grande”, o que nas décadas de 70 e 80 representou um apego ao passado para isentar as transformações pelas quais a cidade passava, quando:

Se observou com mais frequência os movimentos sociais, o dos favelados, mutuários, dos sem-teto que, por meio de sindicatos e associações, reivindicaram seus direitos aos serviços e equipamentos básicos como iluminação pública, transporte coletivo, pavimentação, saneamento básico, posto de saúde, escolas, creches e outros serviços (SÁ, 2000, p. 186).

Tudo em Campina tem ares de grandeza... Inclusive a cidade é palco do Maior São João do Mundo.

Segundo Carvalho (2011), em 1975 foi aprovado o Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI) afim de melhorar a infraestrutura urbana da cidade. Amplamente divulgado nos jornais da época, o plano visava “dar ordem”, organizando Campina, disciplinando-a. Esse projeto desenhou um planejamento vertical, autoritário e zoneado, terminando “por pensar a exclusão urbanística enquanto necessidade de correção do tecido social da cidade” (CARVALHO, 2011, p. 139).

Um planejamento de cima pra baixo, como vimos, que ignora as reais condições da população e pensa apenas em uma suposta organicidade da máquina urbana. Contudo, as invasões representaram uma resistência a essa ordem, elaboram territórios que “se constituem ao sabor da remodelação do espaço urbano” (CARVALHO, 2011, p. 319) na luta pelo solo da *urbs*.

Em matéria do jornal *Diário da Borborema* do dia 21 de maio de 1980, a chamada da matéria “Pedregal só tem problema” gritou por nossa atenção quando na busca por fontes sobre os discursos construídos sobre o bairro no Arquivo da Biblioteca Átila de Almeida. Acompanhada de fotos de dois moradores que denunciaram os problemas cotidianos e de mais duas imagens alocadas em tamanho médio, logo, em posição de destaque: a primeira, apresentando mulheres e crianças com baldes e latas vazias na mão, em busca de água; a segunda, retratando um amontoado de crianças na frente do que parece ser uma igreja. Das imagens, as legendas: “a disputa diária pela água” e “a única escola do Pedregal: 118 alunos para 19 carteiras”.

Desse modo, as imagens e a matéria nos fizeram refletir sobre a remota caracterização desse espaço pela mídia impressa. A matéria, também em tom denunciativo, o constrói como tendo “desordens de toda sorte”. Desenhando a pouca infraestrutura e a pobreza que assolava seus moradores, traz que em 1980 a

população do bairro correspondia a cerca de 4 mil habitantes e que “o uso de lampião e candeeiros é muito comum tanto nas casas residenciais como nas mercearias do Pedregal”. Lemos:

Conforme a reclamação dos seus moradores, não se explica a extensão da rede de energia elétrica à Favela, quando nas suas proximidades há esse tipo de serviço a menos de 500 metros do início do Pedregal. Nas suas proximidades há o conjunto residencial da Universidade Federal da Paraíba e o núcleo habitacional “Severino Cabral”, que está sendo construído pela CEHAP (*Diário da Borborema*, 21 mai. 1980).

Assim, vemos um zoneamento de esferas de modernização na cidade de Campina Grande, áreas muito próximas, mas que, contudo, delineava (e delineia) espaços e seus moradores, de outros, “menos perigosos”. Percebemos também que privilégios de alguns serviços passaram a transpassar tais zonas e adentrar um espaço do bairro: o do chamado Pedregal I, uma zona quase transicional entre os bairros citados e a “zona impenetrável”, relegadas aos favelados, como a matéria evoca.

Figura 4 – *Diário da Borborema*, 21 de maio de 1980



Fonte: Arquivo da Biblioteca Átila Almeida

Sobre a escola, a matéria elucida a precariedade das condições de estudo das crianças, acomodadas na capela-escola:

Os adultos matriculados no Mobral, que funciona também na Capela-escola, em torno de 30 pessoas, são os mais interessados na aprendizagem escolar, pois além de levarem seus próprios tamboretos para não assistir as aulas em pé, ainda têm de estudar na base da luz de um lampião, o que não é nada recomendável para professores e alunos (*Diário da Borborema*, 21 mai. 1980).

Disso percebemos também o alto índice de analfabetismo presente, quando mais de 30 adultos estavam matriculados no Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), órgão de alfabetização instituído durante o regime civil-militar que findara em 1984. Falando dos problemas de água que assolava a comunidade, a matéria continua construindo uma imagem de desordem, marcante, segundo o jornal, na postura das mulheres ao se dirigir e esperar na fila das duas únicas fontes de água, “forma-se uma confusão generalizada”. É a imagem da desordem e da desarmonia construídas desde então.

O caráter da luta pelo espaço também é evidenciado. Fala-se da espera por melhorias, “quando eles [os moradores] acham que até o final do ano a favela estará recebendo os reclamados melhoramentos, principalmente água, energia elétrica e posto policial” (*Diário da Borborema*, 21 mai. 1980). O bairro, emergente no início da década de 1970, parece ainda não ter visto tais efetivações, uma ausência intencional por parte dos dirigentes públicos, que ajuda a construir as imagens impressas pelo discurso do jornal.

3. UM ESPAÇO MARGINALIZADO E ESQUECIDO PELOS GOVERNANTES

A oferta de serviços públicos não acompanhou o crescimento do bairro do Pedregal. A improvisação de moradias, falta de saneamento e segurança são problemas advindos da falta de amparo da máquina pública. Como consta no artigo 6º da Constituição, esses são direitos sociais básicos. Contudo, segundo Bezerra e Chao (2009), a coletividade, o esporte, a cultura e o lazer têm sido fatores importantes na busca de um melhor crescimento para o bairro, geralmente esquecido e marginalizado.

Contrastando a forma de ver e ler os espaços na modernidade, Durval M. de Albuquerque Júnior (2008), traz que estamos diante de uma nova forma de se relacionar com os espaços, lidos agora a partir das relações: de poder, de posicionamento, das relações de força, portanto. Ressalta:

Tratar da categoria espaço é, pois, estar atento para o conjunto de posicionamentos que cartografam e escandem um dado recorte espacial, que estabelecem e demarcam uma dada fronteira, que distribuem lugares e marcam dados territórios. É abordar as relações sociais, as relações de poder, as relações econômicas, as relações simbólicas, que definem dados posicionamentos e as demarcações espaciais, as posturas espaciais, que carregam e tentam sacralizar. Analisar a história dos espaços é submeter à crítica as relações de força, as relações de poder, que em todo o tecido social distribuem lugares, demarcam territórios e domínios, separam regiões (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 75).

O Estado é ele próprio agente de demarcações sociais, diz, em que pelas relações de poder e interesses existentes, rotula, de forma taxativa, os “espaços civilizados”, das periferias, geralmente sinônimo no imaginário popular, de lugar desordenado e perigo. Imagens que ele próprio ajuda a criar... “Os espaços são tramas que são tecidas em meio a um emaranhado de práticas. Práticas em que estão investidos saberes e que implicam jogos de poder” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 77). Assim, espaços são fruto de práticas e representações, de uma poderosa maquinaria discursiva. Que imagens, portanto, estão envoltas ao bairro do Pedregal? Que discursos reforçam tais imagens? Com que fins?

3.1. Estigmas e estereótipos

Pedregal, lugar onde há muitas pedras, discursos, vozes, imagens. Geralmente chegados até muitos por meio da Patrulha da Cidade³, dos jornais, de falas prontas de moradores, transeuntes, que veem ali “um lugar perigoso”.

Violência, tráfico de drogas, desemprego... Problemas globais dos quais o bairro do Pedregal não ficaria isento. Estudando a constituição da cidade Belo Jardim-PE, Adilson Filho (2011), diz que no cenário globalizante “as áreas mais pobres e estigmatizadas ocuparam a posição privilegiada de *focis imaginariis* principais da produção e proliferação da violência e das drogas” (ADILSON FILHO, 2011, p. 139). É mais fácil, diz, responsabilizar as camadas populares pela negatividade da vida social, pelos problemas e disjunções. É nesse cenário que a nível local e global, as classes laboriosas são transformadas em classes perigosas. O mesmo parece acontecer no Pedregal e nas várias comunidades Brasil a fora estigmatizadas por quem sob esses espaços exerce poder e dominação.

Definindo estigma, traz que esse é um dispositivo para legitimar identidades sociais, resultando “da função classificadora/segregadora da linguagem e também de sua capacidade para marcar, rotular, carimbar ou caricaturar determinadas pessoas e espaços” (ADILSON FILHO, 2013, p. 37). Assim, estigmatizando o outro e seus espaços – “as zonas de perigo” – relações são criadas, e separam, legitimam, estabelecem divisas imaginárias, quase que entre a “civilização” e a “barbárie”, criando estereótipos – ou a estereotipização, um discurso arrogante, assertivo, que “nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30).

Quando procuramos em plataformas como o Youtube, vídeos e notícias sobre o bairro do Pedregal encontramos *a priori* manchetes de assassinatos, prisões, homicídios... Informações carregadas de significados quando pouco se fala de outros aspectos do bairro como a sociabilidade, sua cultura própria ou dos artistas do bairro. Vimos que o discurso predominante é o da estigmatização.

³ Programa diário da TV Borborema, apresentado pelo jornalista José Cláudio, que leva ao público as informações da área policial de maior destaque em Campina Grande e região.

3.2. Outras vozes

Com um filtro mais atento, encontramos vídeos de MCs locais como o rapper Rimael (Ismael Santos), que traz em suas letras orgulho pelo seu bairro de origem, cenas e a linguagem do cotidiano do lugar.

Importante destacar que apenas os estigmatizados é que veem o invisível do bairro, o além da violência, do estigma. Esse papel é exercido pela arte ou por artistas rebeldes como o rapper citado. O clip de “Outra visão”⁴ inicia com a manchete de uma reportagem da TV Borborema⁵, que diz: “conhecido como um dos bairros mais violentos da cidade, muitos dos que vivem por aqui contestam essa má fama”. Como uma espécie de documentário, ele pergunta à moradora, o que ela tem a dizer sobre o bairro: “que aqui é um lugar que a gente não pode criar as crianças, como dizem por aí, isso aqui não existe, isso é o pessoal que inventa”. O que estar por trás desse inventar são vontades de verdade e a enunciação de dominação pelos de fora, que, como vimos, enuncia esse espaço a partir de uma linha tênue entre a estereotipia e a desqualificação. Sem negar a realidade do bairro: “no Pedrega, quem é forte não se entrega, eu sei o bicho pega, violência é mega”, se orgulha de suas raízes e do espaço que o criou: “na vida louca, nunca abre a boca, sou testemunha Rimael, esse é o meu nome, moro no Pedregal e digo sou moleque homem”.

A referida reportagem também traz o relato de Daniel Mordecoi, voluntário da Central Única das Favelas (CUFA), que tem como objetivo trazer cultura aos jovens através do rap e do grafite. “Ele que mora no centro da cidade, desconstruiu a ideia de que aqui só existe violência”, diz a repórter. “O Pedregal é totalmente diferente do que é passado tanto na mídia quanto por pessoas que só veem um lado. A violência hoje está em todo lugar”.

Assim, elucidamos outras visões, imagens, facetas de um bairro estigmatizado. De um espaço marginal, fruto de um sistema desigual, mas que, contudo, resiste. Que conta com vários clubes de mães, com uma sociabilidade vivida em suas ruas, “à beira da calçada”, com projetos das universidades, especialmente a UEPB, como o Projeto Escolinha, que segundo Bezerra e Chao (2009), oferece gratuitamente aulas de

⁴ Vídeo Outra Visão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=djDqZsjpNB0>>. Acesso em: 08 out. 2019.

⁵ Vídeo Vida no Pedregal. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O1xAKuuGR0E>>. Acesso em: 08 out. 2019.

diversas modalidades esportivas e artístico-cultural a crianças e adolescentes do bairro.

Importante também é o papel das escolas, que trabalham a cultura e a história local, estimulando o senso artístico em períodos como Carnaval e São João. Ainda segundo os autores:

Na época Junina, a escola [Manoel da Costa Cirne] realiza um desfile de carroças de burro, a “Burreata Neco Cirne”, a festividade faz parte dos festejos de São João da cidade. O evento é coordenado pelo diretor da escola e trouxe uma renovação cultural ao bairro. A “burreata” ocupa as principais ruas do bairro. Todas as carroças são ornamentadas pelos alunos e familiares (BEZERRA; CHAO, 2009, p. 176).

Figura 5 e 6 – Burreata do Neco Cirne



Fonte: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL606766-5598,00-BURREATA+AGITA+O+SAO+JOAO+DE+CAMPINA+GRANDE.html>>. Acesso em: 24 out. 2019.

Tais investidas colaboram com a construção de um sentimento coletivo capaz de driblar os problemas cotidianos e as injustiças. O bairro também conta com uma SAB – Sociedade Amigos do Bairro, fundada na década de 1980 e que oferece parcerias importantes como a que tem com o SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, em que junto com a prefeitura, oferece cursos de formação profissional. A SAB tem realizado eventos que trazem informações básicas de saúde e de comércio, assim como a comemoração em datas festivas.

Importante também é a atuação do recente projeto social Muda Pedregal. Idealizado pelas estudantes Rafaela Costa e Débora Almeida e através da atuação de voluntários, o projeto vem realizando ações sociais e educativas, cineclube (seguidas de discussão e debate com as crianças), apresentações culturais,

distribuição de mudas, promovendo parcerias na oferta de cursos e outras atividades. O projeto planeja inclusive a gravação de um documentário sobre a história do bairro. Para isso, estão realizando reuniões para mobilizar os moradores na intenção também de recolher materiais como fotografias. Também está organizando a criação de uma biblioteca comunitária. Como consta na descrição da página da rede social Facebook do projeto:

O Instituto Agregar, através de parcerias público-privadas, realizará no dia 05 de dezembro de 2015 o lançamento da campanha Muda Pedregal. Uma campanha de mobilização social que tem como objetivo integrar as escolas, instituições do bairro, a comunidade, os poderes públicos da administração direta e indireta, as associações e Ongs, em um pensamento sustentável de recuperação da cidadania dos moradores do bairro citado. Essa integração ocorrerá através de ações educacionais de saúde, cidadania, meio ambiente e educação, combinadas com atividades culturais e esportivas.

O Bairro do Pedregal foi escolhido para essa mobilização primeiramente, por conta de seu histórico de violência e por acreditarmos que tal situação pode e deve ser combatida de forma pacífica e educativa através de ações e projetos. Outro aspecto relevante na escolha do Pedregal para início de nossas ações é a proximidade de diversas unidades de ensino superior e tecnológico (UFCG, UEPB, IFPB, SESI), ao referido bairro, isso possibilita o exercício da pesquisa e da extensão tão necessários a essas instituições e de importância ímpar para o bem estar coletivo em um bairro de população estimada em 10 mil pessoas. Outro ponto relevante é a presença de 05 unidades de educação básica presentes no bairro, e a proximidade entre elas possibilita a integração na execução das ações, tanto iniciais como nas ações de cunho continuativo (Página Muda Pedregal⁶, acesso em: 13 nov. 2019).

Nas palavras de Rafaela Costa: “o projeto visa trazer cultura e essas atividades de forma gratuita (...) como forma de dar esperança a essas pessoas e ir além”⁷. Embora recente, o projeto vem mobilizando o bairro e promovendo cidadania. Em foto da parte interna da biblioteca lê-se o cartaz com a seguinte frase: “ler é derrubar as barreiras do mundo”. Assim, entendemos o que está em jogo, afinal conhecimento é poder, e mais ainda, conhecimento é transformação.

O Projeto Muda Pedregal tem como objetivo incentivar o pensamento crítico e sociopolítico entre os moradores da comunidade. Buscando

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/mudapedregal>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

⁷ Cf.: Vídeo Projeto Muda Pedregal. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pv-iuhra10o>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

uma ampla convivência comunitária por meio de atividades integradas e complementares ao desenvolvimento cultural, educacional e psicossocial das crianças, dos adolescentes e da comunidade de uma maneira geral.

As ações promovidas pelo projeto acontecem 2 vezes no mês, com o público infantil - no Cine Clube, e toda a comunidade nas demais ações sociais (Apoia-se Muda Pedregal, acesso em: 13 nov. 2019).

Coletando apoio financeiro por meio do site Apoia-se⁸, o projeto utiliza a meta de 200 reais mensais que ajuda a custear as atividades. Na página a seguinte descrição: “o Projeto Muda Pedregal acredita que é apenas através da educação que podemos mudar a realidade das pessoas”.

Figura 7 – Jovens grafitando



Fonte: Blog Comunidade do Pedregal. Acesso em: 08 out. 2019.

⁸ A campanha pode ser acessada em: <<https://apoia.se/mudapedregal>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

Figura 8 e 9 – Ações do Projeto Social Muda Pedregal



Fonte: Página do Facebook do Projeto. Acesso em: 13 nov. 2019.



Fonte: Vídeo Projeto Social Muda Pedregal | Ação Social. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=97&v=5qlvwsWFy_4&feature=emb_title. Acesso em: 13 nov. 2019.

Figuras 10 e 11 – Ações do Projeto Social Muda Pedregal



Fonte: Vídeo Projeto Social Muda Pedregal | Ação Social. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?time_continue=97&v=5qlvwsWFy_4&feature=emb_title>.
Acesso em: 13 nov. 2019.

Das imagens, vemos a arte pulsante na mão de crianças e adolescentes moradores do Pedregal. A simbologia do plantar uma árvore parece dizer muito acerca da possibilidade de uma nova realidade, plantada por eles. O Pedregal muda e começa no protagonismo de cada um, nas denúncias cotidianas e na possibilidade de vida, para além dos discursos dos que os rodeiam, para além da falta de assistência do Estado e das tentativas de guetização. Do grafite a cor, do rap, a melodia, a evocação de bonanças quase invisíveis aos sentidos dos *outsiders*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho pudemos discutir aspectos da construção histórica e sociológica do bairro do Pedregal, em Campina Grande, através da análise de jornais do ano de 1980, músicas, fotografias e vídeos. Problematizamos o discurso de negatividade e exclusão a que o bairro e seus moradores são relegados. Mas eles, contudo, experenciam um mundo à parte, invisível aos olhos dos estigmatizadores, das manchetes dos jornais. Essas pessoas acreditam em um mundo diferente e se projetam no mundo através da arte e da esperança, lapidada através da educação.

São muitas as maquinarias de poder envoltas em tal construção e muitas as configurações inclusive internas no próprio bairro, organizado a partir de quatro zonas distintas e numéricas. Bairro de periferia, enfrenta muitas dificuldades, falta de estrutura, saneamento, segurança, que como vimos é um problema que vem desde sua emergência nos idos dos anos 70 e 80, sendo reflexo da expulsão das “anomalias” da *urbs* para os arredores do entorno do centro da cidade em prol da modernização. Para tanto, esperamos ter contribuído com a história de Campina Grande a partir de uma leitura das relações de poder e da constituição dos preconceitos de lugar e suas derivações.

REFERÊNCIAS

ADILSON FILHO, José. Cidade e Jardinagem: ambivalência socioespacial, estigma e segregação na cidade do Belo Jardim. 2011. **Tese** (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Zonas de encrenca: algumas reflexões sobre poder e espaços. In: **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARANHA, Gervácio Batista. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). In: _____. [et al] (Orgs.). **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2005.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEZERRA, Tiago Lopes; CHAO, Cheng Hsin Nery. Pedregal, a dimensão educacional do lazer contribuindo para uma nova perspectiva de vida. In: CHAO, Cheng Hsin Nery [et al] (Orgs.). **De portas abertas para o lazer: a cultura lúdica nas comunidades de Bairro**. Campina Grande: EDUEPB, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. Discursos e imagens da cidade: o processo de requalificação urbana de Campina Grande-PB (1970-2000). 2011. **Tese** (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 05, n. 11, 1991.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

OLIVEIRA, Júlio César Mélo de. Campina Grande: a cidade se consolida no século XX. 2007. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. Enredando Campina Grande nas teias da cultura (1965-2002). 2008. **Dissertação** (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, Hilmaria Xavier. A invenção de um lugar: vivências e memórias (n)da Favela da Cachoeira (Campina Grande 1959 – 2006). 2013. **Dissertação** (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

SOUZA, Sonale Vasconcelos de. Relação cidade-campo: permanência e recriação dos subespaços rurais na cidade de Campina Grande-PB. 2013. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.